Do Museu para a Escola: uma experiência de ensino a partir da Coleção Missioneira do Museu Júlio de Castilhos

FELIPE RODRIGO CONTRI PAZ*
CLEUSA MARIA GOMES GRAEBIN**

Resumo: Este trabalho é parte do resultado de pesquisa sobre a relação museu-escola, as práticas educativas realizadas em instituições museais e as possibilidades da extensão dessas para as escolas. Aqui, apresenta-se experiência de ensino de História, a partir da coleção exposta no Setor Missioneiro do Museu Júlio de Castilhos (Porto Alegre, RS). Pretende-se evidenciar a importância de trazer o museu à escola, quando se oportuniza que educadores e alunos trabalhem, no seu fazer pedagógico cotidiano, objetos, produções, expressões e referências que constituem o seu patrimônio cultural. O texto apresenta as seguintes seções: (a) discussão da relação museu-escola e o ensino de História; (b) elementos sobre o Setor Missioneiro do Museu Júlio de Castilhos; (c) relato de experiência de atividade com exposição itinerante.

Palavras-chave: Ensino de História; Relação museu-escola; Coleção do Setor Missioneiro.

From the Museum to School: a experience of teaching using "Missioneira" Collection of the Júlio de Castilhos Museum

Abstract: This work is part of the result of the research about the school-museum relationship, the educative practices held in museum institutions, and the possibilities of extending these practices to the schools. Here, we present experiences of history teaching using the collection exposed in the "Missioneiro" section of the "Júlio de Castilhos" Musem in Porto Alegre. It's intended to highlight the importance of bringing the museum to the school, when the opportunity is given for the educators and the students to work in their daily pedagogical doing, with objects, productions, expressions and references that constitute their cultural heritage. The text presents the following sections: (a) discussion of the museum-school relationship and the teaching of History; (b) elements about the "Missioneiro" Sector of the "Júlio de Castilhos" Musem; (c) report of experiences with itinerant exhibition.

Key words: History teaching; Museum-school relationship; "Sector Missioneiro" Collection.

* **FELIPE RODRIGO CONTRI PAZ** é graduado em História pelo Centro Universitário La Salle/Unilasalle.

** **CLEUSA MARIA GOMES GRAEBIN** é Doutora em História, Coordenadora e Professora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle Canoas).

Considerações iniciais

Este trabalho é parte do resultado de pesquisa sobre a relação museu-escola, a qual discute o museu como espaço não-formal de educação[1], as práticas educativas nele realizadas e as possibilidades da extensão dessas para as escolas. Apresenta-se aqui, relato de experiência no ensino de História, tendo como conteúdo específico as Missões Jesuítico-Guaranis no Rio Grande do Sul e como recursos materiais didáticos, as peças da coleção do Setor Missioneiro do Museu Júlio de Castilhos (Porto Alegre, RS). O espaço em que se deu a experiência foi a Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Costa e Silva (Bairro Medianeira, Porto Alegre, RS) e o público alvo se constituiu de turma de alunos do primeiro ano do Ensino Médio. Partiu-se das seguintes questões norteadoras: Como promover estratégias de aprendizagem no ensino de História local, dinamizando a construção de novos conhecimentos a partir de acervo museal? Como trabalhar com o acervo missioneiro do Museu Júlio de Castilhos? Qual o tipo de atividade a ser desenvolvida com os alunos? Procurou-se evidenciar a importância de trazer o museu à escola, no seu fazer pedagógico cotidiano, objetos, produções, expressões e referências que constituem o patrimônio cultural do Rio Grande do Sul.

1. A relação museu-escola e o ensino de História

A relação museu-escola tem conquistado sua relevância no campo do ensino de História, na perspectiva de promover formas de ensino-aprendizagem, dinamizando a construção de novos conhecimentos e aumentando o apreço dos educandos pela disciplina.

Lembre-se que museus e escolas são instituições diferentes, com objetos, propostas, natureza de atividades, relações com o público, ações, ritos, códigos, apresentação de conteúdos e práticas diferenciadas. Mesmo o museu não sendo uma escola, uma das suas funções centrais é a educativa. Por meio das exposições, os museus criam discursos, tendo como suporte, os objetos do seu acervo a partir dos quais comunica informações, ideias e conceitos aos seus visitantes.

Lopes (1991) indica que o museu seja espaço onde a convivência com o objeto aponte outros referenciais para desvendar o mundo, proporcionando possibilidades de apreensões da realidade e de relações com o outro[2].

Após os anos 1970, a Museologia e a História como disciplinas passaram por mudanças nas suas concepções, conceitos e procedimentos metodológicos. Se antes a Museologia via os objetos de uma coleção como fins em si mesmos e a História neles se respaldava como provas de verdade do seu discurso, passam a considerar os objetos e o contexto social de sua produção e apropriação, os sujeitos envolvidos nesse processo, os conflitos e disputas entre os mesmos. Assim como a Museologia dá lugar a acervos procedentes dos mais diferentes segmentos sociais, a História passa a dar voz e vez aos excluídos. Conforme Aras e Teixeira (2001):

> Nessa perspectiva, o museu deixa de ser aquele espaço estigmatizado

[1] Sobre educação não-formal ver: GOHN, Maria da Glória, Educação não-formal. Ciência e Cultura. Dez. 2005, vol. 57, n. 4. Disponível em HTTP://cienciaecultura.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/

[2] LOPES, M. M. A favor da desescolarização de museus. *Educação e Sociedade*, nº 40, 1991, p. 443-455.

> como local de coisas velhas, passando a ser espaço de discussão da informação e, sobretudo, de reflexão. Seguindo esse raciocínio, este poderá ser utilizado como recurso didático pedagógico destinado ao ensino de várias áreas e, principalmente, da história devido à natureza documental dos acervos museológicos. (ARAS E TEIXEIRA , 2001, p.2).

Esses acervos são ao mesmo tempo, fontes e recursos materiais didáticos para a pesquisa e ensino de história respectivamente. Quando visitam um museu, os alunos constroem conhecimentos a partir do contato com bens culturais móveis[3], ou seja, artefatos produzidos por indivíduos e grupos em espaços e tempos diferenciados. Segundo Manique e Proença (1994):

> Saber interrogar o patrimônio é a chave para o seu conhecimento profundo, pelo que o trabalho inicial deve ser exaustivo e objecto da maior atenção por parte de professores e alunos, embora as questões iniciais possam ser reformuladas ou acrescentadas no decurso da pesquisa. (MANIQUE; PROENÇA, 1994, p.61).

2. O Setor Missioneiro do Museu Júlio de Castilhos

O Museu Júlio de Castilhos é o primeiro do Estado do Rio Grande do Sul, fundado em 30 de janeiro de 1903 e constituído com acervos que cobrem diferentes campos da produção de saberes, integrando coleções representativas, entre outras, da Guerra dos Farrapos (1835-1845), da escravidão, dos povos indígenas e das Missões Jesuítico-Guaranis. O acervo missioneiro foi formado a partir de uma das primeiras exposições agropecuárias e industriais de destaque no Brasil, ocorrida em 1901, em Porto Alegre. (Spinelli, 2008).

As obras provenientes das Missões foram apropriadas, bem como foram alvo de disputa nos anos 1960 entre o Museu de Arte do Rio Grande do Sul e o próprio Museu Júlio de Castilhos. Somente entre 1991 e 1994 o acervo foi reunificado. São nove as peças que compõe o acervo missioneiro: três sinos feitos em bronze datados do século XVII e seis esculturas talhadas em madeira, sendo três delas, assentos. Ainda, para a sua exposição, concorreram saberes de diferentes campos do conhecimento que de alguma maneira deixam as marcas dos seus discursos na museografia.

Segundo Marandino (2001):

> O processo de elaboração do discurso expositivo [é] uma espécie de 'jogo', no sentido lúdico do termo, mas também de diálogo, considerando as relações de poder presentes nas interações entre os diferentes discursos e saberes envolvidos. Assim, a elaboração do discurso expositivo foi entendida como um processo histórico-social, com seus embates, controvérsias, jogos de poder e legitimações. (MARANDINO, 2001, p. 12).

A mostra do acervo missioneiro é de natureza contemplativa. O público não pode interagir com os objetos e o discurso expositivo os utiliza como símbolos a partir dos quais o passado das Missões é "revelado", a tradição recuperada e é construída política de identidade regional. O discurso do objeto é subordinado à narrativa

[3] "Relativamente aos bens culturais moveis, a designação abrange todos os testemunhos da criação humana ou da evolução da natureza ou da técnica, designadamente obras da pintura, escultura e desenho, manuscritos, livros, e todos os objectos de natureza religiosa ou profana considerados de valor nos domínios cientifico, artístico ou técnico". (MANIQUE; PROENÇA, 1994, p.55).

histórica sobre os Sete Povos Missioneiros no Rio Grande do Sul.

No caso deste estudo, as esculturas se constituem como: "Um recurso didáctico relevante para o estudo da historia local e, em certos casos, para a abordagem de temas de historia nacional" (MANIQUE; PROENÇA, 1994, p.70).

Apresenta-se a seguir uma das peças do acervo missioneiro, as quais foram foco da pesquisa.

Figura 1 – São Francisco Xavier
Peça esculpida em madeira.
Possui 1,87 m de altura e aproximadamente 500 kg.
Fotógrafo: Felipe R. Contri Paz

Os objetos da Coleção do Setor Missioneiro, até chegarem ao Museu Julio de Castilhos, passaram por diversas transmutações e essas ainda não cessaram, assumindo os mesmos, diferentes sentidos no processo de interação social: há uma metamorfose do artefato, como afirma Ramos (2004) "em simbiose com o poder da memória e a memória do poder, nas suas mais variadas manifestações" (p. 76).

3. O Museu vai à Escola: relato de experiência

A instituição selecionada para aplicação da experiência com Educação Patrimonial foi a Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Costa e Silva, na qual foi desenvolvido projeto com turma de primeiro ano do Ensino Médio. A partir do planejamento de aula conjunto com o professor titular da mesma, o qual entendia importante inserir estudos de História do Rio Grande do Sul nesse nível de ensino.

Ao trabalhar em sala de aula, com os conteúdos referentes às Missões Jesuítico-Guaranis, explorando os objetos da coleção do Setor Missioneiro, intencionou-se discutir com os alunos os seus diferentes usos e instigá-los a visitar o Museu Júlio de Castilhos, experienciando a exposição, a fim de construírem novos saberes.

A aprendizagem a partir do uso de imagens sejam elas de quaisquer materiais (papel, madeira, bronze ou outro material sólido), aprimora o processo imaginativo, resultando num

entendimento mais complexo da História. Por isso, justifica-se a criação desta ferramenta de ensino, que além de promover novos saberes dentro do espaço escolar, permite aos alunos entenderem que o museu histórico, também construtor de saberes, embora próprios do espaço museal, pode ser utilizado como espaço complementar de construção de conhecimentos ou então desconstrutor de antigos saberes. Segundo Leal (2008): "o papel do museu é desenvolver a reflexão, a qual deverá permitir a transformação da realidade [...] só tem sentido se permitir a produção de conhecimento e se construir uma nova prática social" (2008 p.55).

Um dos objetivos da exposição foi promover a interatividade dos alunos com o acervo, instigando-os a partir da experiência a sanarem suas dúvidas, curiosidades e inquietações sobre o conteúdo trabalhado na disciplina de História, de maneira a suscitar-lhes novas expectativas sobre o próprio tema.

Assim, promovendo-se exposição itinerante, pode-se romper com as limitações do espaço museal, visto que se dinamiza a relação entre o cliente[4] e o objeto. Devido a sua aura intrínseca, sua unicidade e seu caráter de representar a coisa real muitas vezes este objeto não é percebido como alvo de musealização, ou seja, algo que foi retirado de seu contexto original para dentro do espaço do museu.

A visita ao Museu Júlio de Castilhos, o estudo do acervo e a montagem de exposição itinerante, utilizada como recurso didático para trabalhar conteúdos referentes à história do Rio Grande do Sul, se configura como experiência de Educação Patrimonial. Concorda-se com Grunberg (2009), para quem a mesma se configura como "...ensino centrado nos bens culturais, como a metodologia que toma estes bens como ponto de partida pedagógica" (2009, p. 6). O objeto musealizado é o mediador entre o passado e o presente, mas não é um objeto estanque, com fim em si mesmo, por ser antigo, raro... Sua importância se dá pelo fato de relacionar os homens com a sua cultura, entendendo esta como rede de significados partilhados.

Os estudantes não tiveram acesso direto ao objeto musealizado, mas sim à sua representação imagética, ou seja, ao objeto pertencente ao museu após seu processo de transmutação para suporte em papel fotográfico, facilitando o acesso do Museu, ao cotidiano do espaço escolar.

A exposição foi realizada no dia 16 de maio de 2011. O espaço utilizado foi o da sala de aula, fixando-se na parede os painéis com as imagens a serem trabalhadas. Inicialmente, distribuiu-se aos alunos um questionário, do qual constavam questões, cujas respostas pudessem desvelar quais conhecimentos e ou representações os mesmos possuíam sobre museus a respeito do tema histórico a ser trabalhado, ou seja, as Missões Jesuítico-Guaranis. Após responderem ao questionário, os alunos trabalharam com as imagens selecionadas para a atividade. Os alunos tiveram livre acesso às imagens fotográficas que representavam as peças do acervo do Museu Julio de Castilhos.

[4] Allard, 1996, p 47.

Durante esta etapa foi sugerido aos alunos a observação das imagens, de seus detalhes, de forma a buscar uma interação com as mesmas. Foi indicado que produzissem algo, fosse um texto, um desenho baseado nas impressões pessoais, ou história em quadrinhos. A partir daí, não houve mais interferência dos professores (regente de classe e estagiário), apenas se observava — uma ação não-invasiva[5] —, os estudantes se relacionarem com as imagens referentes à exposição. Assim procurou-se, como indica Marandino (2001): "Nos diferentes momentos da experiência procuramos registrar fatos, falas dos alunos e reflexões feitas por nós, para que, mais tarde pudessem ser aproveitadas para este trabalho" (2001, p.86).

No terceiro e último momento, os alunos responderam a outro questionário, no qual foram interpelados sobre sua experiência. Os resultados foram instigantes. Segue o gráfico com os resultados e sua análise.

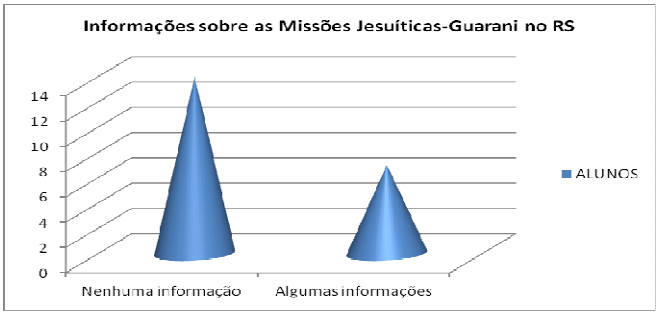

Gráfico 1

Fonte: Questionários aplicados aos alunos de primeiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Costa e Silva (Porto Alegre, RS).

[5] Conceito construído no trabalho *Professores, visitas orientadas e museu de ciência: uma proposta de estudo da colaboração entre museu e escola* de Flávia Requeijo (2009).

Examinando os currículos de história do sistema público de ensino do Rio Grande do Sul para o Ensino Médio, verifica-se que não há obrigatoriedade de trabalhar conteúdos sobre a história do Estado. Vale registrar que isso só ocorre no quinto ano do Ensino Fundamental. O gráfico confirma o que os professores de história vêm criticando há muito tempo: praticamente, quem estudou em escola pública, pouco ou nada construiu de conhecimentos históricos sobre o Rio Grande do Sul (muito menos sobre as Missões). Essa situação dificulta ações em relação ao patrimônio cultural, pois como afirmam Machado; Haigert e Possel (2003), isso envolve trabalho educacional em processo sistemático e permanente, aproximando o indivíduo de seus bens culturais.

Assim, ao não trabalhar com os conhecimentos históricos, relacionando-os aos bens culturais, o aluno não é "alfabetizado culturalmente", portanto não está apto a "fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural da trajetória histórico-temporal em que está inserido" (MACHADO; HAIGERT; POSSEL, op. cit, p. 46). Isso leva a outra inferência, ou seja, a da não valorização do aluno dos museus que relatam a história local ou regional e de suas coleções.

Apresentam-se gráficos gerados a partir dos resultados dos questionários aplicados aos alunos antes e após a atividade.

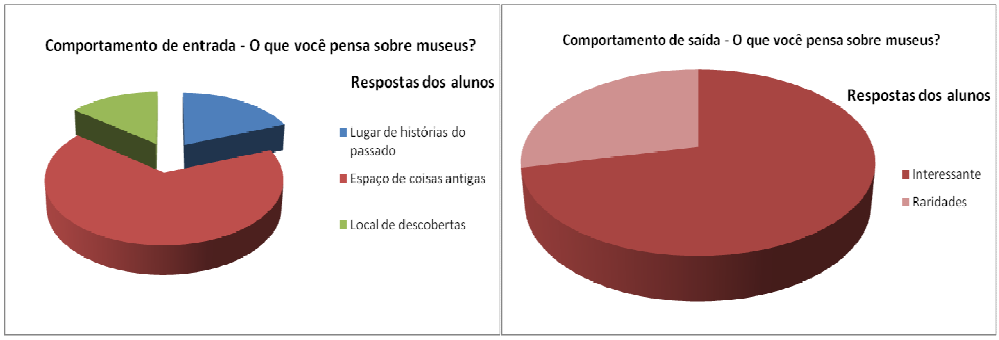

Gráfico 2 e 3

Fonte: Questionários aplicados aos alunos de primeiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Presidente Costa e Silva (Porto Alegre, RS).

A ideia de raridades e de antiguidades está arraigada aos discursos de parte dos alunos, o que remete para a concepção do museu como lugar de coisas velhas e as várias "cascas simbólicas" dos objetos museológicos. Ramos alerta que é "preciso exercitar o ato de ler os objetos, de observar a história na materialidade das coisas" (2004, p. 21).

A leitura das representações imagéticas das peças museológicas suscitou inúmeras observações por parte dos alunos. Atentou-se a detalhes como o chão do museu, o estado das peças, com os alunos percebendo falhas e rupturas em algumas das esculturas. Também fizeram relações entre o conteúdo histórico das Missões Jesuítico-Guaranis, que o professor de história havia trabalhado em aulas anteriores, e as imagens.

Um dos aspectos que chamou a atenção dos mesmos foram as características físicas das esculturas missioneiras. Uma aluna, durante a atividade exclamou em sala de aula "viram esta santa? Parece índia... ela tem os cabelos longos, e o olhar de bugre[6]". Outra aluna impressionou-se com a técnica do artista ao esculpir o "Senhor dos Passos", comentando sobre o sofrimento expresso em madeira. Outra escultura que despertou grande interesse foi a do banco zoomorfo. Por que uma siriema? Por que não outro animal, perguntavam. Isso proporcionou discutir as relações entre aspectos sociais e os objetos; fauna local, sentidos rituais e significados das peças no momento da sua criação; comparações entre objetos do passado e do presente como durabilidade, materiais empregados, etc. Essas percepções promoveram novas questões para serem debatidas. Alguns estudantes, ao produzirem histórias em quadrinhos, a partir da leitura das imagens, construíram outros significados os quais fazem refletir sobre as formas de recepção e de construção. Como exemplo, cita-se ima delas em que o autor cria dois personagens — pai e filho —, partindo do menino o convite ao pai para visitarem um museu e o que os dois descobrem no mesmo.

Considerações finais

A partir dessa experiência, solidificou-se o entendimento da importância do museu como espaço não formal de aprendizagem e sua contribuição para a interação dos escolares com seu patrimônio cultural. Na impossibilidade da escola ir ao museu, este precisa construir estratégias e ações que o integrem ao fazer pedagógico cotidiano de alunos e professores. A escola no museu ou o museu na escola auxilia a consolidar saberes construídos a partir de conteúdos específicos trabalhados em sala de aula, promove diálogo com os diversos vestígios materiais e imateriais humanos e as diferentes maneiras institucionais de narrar o passado – elementos fundamentais para a construção da consciência histórica.

A preparação de professores e alunos para esse encontro é um dos passos básicos para o sucesso das atividades: no caso do professor, a visita prévia ao museu, o contato com o serviço educativo deste (se houver), o estudo da exposição de longa duração — as temáticas, objetos e museografia —, o planejamento; com os alunos, o desenvolvimento dos conteúdos e a elaboração conjunta das atividades, bem como a promoção de formas de socialização dos conhecimentos construídos com outros alunos e até mesmo a comunidade, a partir de encontros, seminários, exposições.

[6] Bugres: assim são chamados os descendentes de indígenas no Rio Grande do Sul, independente da sua etnia.

Referências

ALLARD, M. **La Visité au museé Reséau**. Canadá, 1996-1997.

ARAS, Lina Maria Brandão de e TEIXEIRA, Maria das Graças de Souza. Os museus e o ensino de História. IV Seminário "Perspectivas do ensino de história". UFOP, 2001. Disponível em http://www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT1603.htm. Acesso em 08/08/2011.

GOHN, Maria da Glória, Educação não-formal. Ciência e Cultura. Dez. 2005, vol. 57, n. 4. Disponível em http://cienciaecultura.bvs.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/ Acesso em 10/08/2011.

GRUNBERG, Evelina. Educação Patrimonial: Utilização dos bens patrimoniais como recursos educacionais, Petrópolis, 2009. Disponível em: http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo4/estudos_sociais/educacao_patrimonial.pdf. Acesso em 03/04/2011.

LEAL, Noris. Museus de tipologia histórica e imaginação histórica. In **Papel dos museus de história no mundo contemporâneo**. Porto Alegre, CORAG, 2008.

LOPES, M. M. A favor da desescolarização de museus. **Educação e Sociedade**, nº 40, p. 443-455, 1991.

MACHADO, Alexander da Silva; HAIGERT, Cynthia Gindri; POSSEL, Vanessa Rodrigues. Cultura Material, educação patrimonial e ensino de história: uma parceria possível. In: SOARES, André Luis Ramos (Org.) **Educação Patrimonial***: relatos e experiências*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2003.

MANIQUE, Antônio Pedro; PROENÇA, Maria Cândida. **Didáctica da História**: Patrimônio e História local. Lisboa, Texto Editora, 1994.

MARANDINO, Martha. Transposição ou Recontextualização? Sobre a produção de saberes na educação em museus de ciências. In: Revista Brasileira de Educação n 26, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n26/n26a07.pdf Acesso em 04/06/2011.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. As utilidades do passado na biografia dos objetos. In:

SANTOS, Fausto Henrique dos. **Metodologia aplicada em museus.** São Paulo, Mackenzie, 2001.

SPINELLI, Teniza. **Esculturas Missioneiras em museus do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, ALF, 2008.